



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 10 de Janeiro de 2015 • Ano LXXI • N.º 1848 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Dignificar o pobre para revelar Cristo

Em nome de Deus quero solenemente declarar hoje, aos amigos da Obra, que ela foi criada e lançada para amparar dignamente o Filho da Família Pobre.

Padre Américo

NA abertura desta sucinta memória do Fundador e dos primórdios da Obra da Rua, vincamos que é uma justíssima atenção, mas que o Padre Américo arredava, ao seu espírito de samaritano e orante no Corpo eclesial. Vamos ser guiados por belos incisivos da sua pena magistral que pintou com beleza realidades de miséria a curar e evangelizar.

Saudamos ainda nesta lauda, festivamente colorida e impressa nas nossas oficinas gráficas, todos aqueles e aquelas que estão ligados a este sonho real, cujos nomes o Senhor bem conhece: uma multidão de amigos e amigas, doentes, pobres, rapazes, mães desta família, Padres e Bispos. E que lembramos gratamente no altar do Sacrifício!

Desde pequenino, foi tocado por uma grande inquietação: *revelar Cristo*. E, assim, obedecendo ao imperativo do Mestre, viveu como Jesus manda: *Faz isto*. Sim! O juízo é simplesmente este: *Sempre que fizeste isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizeste.*

Continua na página 2

Bola de neve...

FOI no dia 7 de Janeiro do ano de Cristo Jesus de 1940. Da cidade de Coimbra, comigo, partiram três menores num carro ligeiro. Seguimos estrada da Beira até ao entroncamento da Lousã e dali metemos a caminho de Miranda do Corvo. Era noite. Choveu todo o santo caminho; chuva pesada e fria. O pequeno solar, berço da Obra da Rua, tinha sido adornado com a indispensável mobília, tudo muito pobre, aonde Francisco de Assis diria bem. A mesa estava posta. A governante tinha preparado a ceia. Sentámo-nos, eles mais eu. Eram três pequeninos mendigos das ruas de Coimbra. Pela primeira vez comeram de garfo, viram uma cama lavada, sentiram a presença de um amigo! Um sentiu-se mal e teve de sair da mesa. Era canja de galinha. Estimava tanto os meus hóspedes que lhes mandei preparar o melhor. Afeito ao caixote do lixo não suportou o manjar! Deu-me o aviso e eu tomei a primeira lição...

Estava formada a bola. Enquanto no mesmo sítio, não crescia; mas eis que começa a rolar. Marca os sítios por onde passa. Agrega novos elementos. Engrossa.

Este ano, no dia 7 de Janeiro de 1951, estive propostadamente nos Lares do Gaiato de Coimbra e S. João da Madeira e Porto. Estive na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Não fui ao Tojal pela distância. Mas aos rapazes de Paço de Sousa, assim como aos daqueles núcleos, falei do acontecimento. Se me fosse possível falar a todos, reuniria 412 deles.

A bola começou com três! Foi a canja de galinha, ainda que um deles a não pudesse ter comido. Não de farto, mas sim de fome. Foi a canja, digo. Foi a escolha. Foi o carinho. Isto foi o primeiro impulso. Hoje, onze anos depois, dá-se o incrível. Os três estão em quatrocentos. Entre eles contam-se valores e vocações. São estudantes dos Seminários, dos Liceus, da Universidade. Estudantes de cursos complementares. São empregados do Comércio e da Indústria. Nas nossas Casas de formação, eles são tecelões e sapateiros e carpinteiros e alfaiates e ferreiros e serralheiros e padeiros e cozinheiros e tipógrafos e lavradores. Tudo isto nasceu duma canja de galinha, servida em pratos de barro, numa casa muito pobre e com neve de Janeiro.

Até aqui todos entendem. São elementos visíveis. Mas eu quero subir mais alto. Quero pregar a mostarda, o grão de mostarda da parábola. Sem parábolas Jesus não abria a boca; e delas tirava todas as coisas desde a constituição do Mundo. Nós somos a bola de neve para os descrentes e somos o grão de mostarda para os crentes. Semente tão pequenina que pode, no entanto, vir a dar uma planta aonde passarinhos do céu se podem abrigar.

Um alto funcionário administrativo aconselhou-me a mandar fazer um selo branco para a Obra da Rua, «em virtude do seu espantoso crescimento» e levou o seu interesse a pontos de informar sobre o seu feitio e dimensões. Eu escutei, agradei e andei. O selo da Obra é outro: *Obras de Deus têm cunho celeste.*

Lê-se nos Actos dos Apóstolos que, de regresso das suas viagens, eles falavam das maravilhas que Deus operava por seu intermédio. A Verdade permanece. Hoje como ontem, Deus opera maravilhas pela Sua presença no Mundo.

Padre Américo

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Nestes 75 anos

É um momento muito importante na vida da nossa Obra. A Pai Américo devemos ter acreditado no dom que Deus lhe deu, e ter vertido n'ela a sua vida. Esquecido de si, dos seus limites, riquezas e contrariedades, andou e avançou com o alento e confiança do seu Bispo: «Ande lá!»

A voz da Igreja foi o leme com que se conduziu, impedido pelo vento Divino que fez por ele Obra Sua, com sabor humano, como todas as que realizam a novidade que transforma a humanidade. «Nós somos mandados», função que sabia ser a sua, como executores que cumprem a inspiração recebida do Alto.

Esta sua união íntima com o Autor de toda a sua Obra, a nossa Obra da Rua, estabelece uma clara distinção com tudo o que é obra social ou de assistência, e diz o que lhe é específico na sua génese, crescimento e existência ao longo do tempo. Por isso a Obra é hoje o que é, amada por tantos que dela se alimentaram espiritual e humanamente, e por todos os que destes receberam o seu quinhão de justiça, obtendo a oportunidade de amarem a vida. Toda ela é dar e receber, para todos.

Só Deus está presente em todos os anos que se vão

sucedendo. Nestes 75 anos, muitos foram os obreiros que tornaram possível a nossa Obra. Desde logo os nossos padres que sonharam nela, e deixaram coisas bonitas aos seus vindouros, das quais a maior é o seu testemunho de vida, em nuances particulares de fidelidade ao espírito que inspirou Pai Américo e os inspirou a eles. Também as senhoras que se deram na nossa Obra, e nela realizaram os anseios mais profundos da sua alma, nestes caminhos estreitos que atravessam a vida das nossas Casas. Ainda os nossos Rapazes, de forma especial os que fizeram da Obra da Rua o seu projecto de vida aliado à família que constituíram. Por fim os nossos Amigos, muitos deles companheiros indissociáveis de sonhos e realizações, que marcaram o ritmo dos seus passos na mesma cadência em que dávamos os nossos.

Apesar da Obra feita e da sua visibilidade, há uma marca que nos constitui desde o início, ontem como hoje: uma permanente não evidência, para os que de fora nos olham, do fio condutor e do alicerce em que assentamos a nossa vida, levando-os a manifestarem-se desconhecidos ou incapazes de acertar na verdade que nos

Continua na página 3

Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.

2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»

3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»

4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»

5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»

6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»

7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»

8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas misérias».

9. Acrescentamos ainda o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PARTILHA — Já há muito que não cumprimos o dever de dar conta aos nossos Leitores dos donativos que continuamente nos vão fazendo chegar. Vamos agora fazê-lo para os que nos chegaram desde o início do passado mês de Agosto até meados de Dezembro, para os casos em que temos referência individualizada do doador. Há outros que a Casa do Gaiato nos faz chegar em bloco, resultantes de donativos que são feitos em conjunto para a instituição e para a Conferência Vicentina. Que nos perdoem os Leitores que possam estar aqui omissos. Se alguém tiver sido involuntariamente esquecido e pretender saber da boa recepção da sua ajuda, pedíamos que nos diga.

- a) Agosto de 2014: 10€ de O. F. D. Silva (por transferência), 50€ de M. L. V. Cerqueira (por transferência), 185€ por transferência em bloco da Casa do Gaiato de donativos que aí chegaram;
- b) Setembro de 2014: 25€ de S. P. L. Ferreira (por transferência), 50€ de J. O. Borges (por transferência), 100€ de A. J. C. Ribeiro a quem peço desculpa pela demora neste tardio prestar de contas;
- c) Novembro de 2014: 150€ de M. C. T. Almeida (por transferência); 20€ por transferência, por volta do dia 24/11 de um Leitor de quem não temos identificação aqui à mão; a nada “pequena” oferta, 50€, de M. N. Carvalho do Porto, assinante 56895; 230€ por transferência em bloco da Casa do Gaiato;
- d) Dezembro de 2014: 10€ de B. Neves (por transferência); 20€ de R. M. S. M. R. A. Azevedo (por transferência); 400€ de A. M. C. Barros, assinante 35082, de Coimbra (por transferência); 100€ de E. P. André (por transferência); 50€ de M. L. V. Cerqueira (por transferência); 300€ da assinante 57558, do Porto; 50€ de T. M. M. Santos, assinante 79933; 25€ de O. Monteiro, da Parede, assinante 82267, com votos de um Santo Natal que agradecemos; 300€ de E. M. C. Fontinha (por cheque); 15€ de P. S. Neto, assinante 68261, de Aveiro; 650€ de M. J. Botelho, assinante 5963, de Paço de Arcos (por cheque), com votos de Santo Natal que agradecemos; um nada “pequeníssimo contributo” de 50€ de M. L. Guimarães, assinante 82022, do Porto (por cheque), com votos de Santo Natal que agradecemos; um nada “pequeno contributo” 25€ de M. Glória, assinante 78573, de Rio Tinto, a quem retribuimos o “carinho e a amizade”; 140€ por transferência em bloco da Casa do Gaiato; e mais os votos de Feliz Natal de C. Pinto de Ermesinde que não tem nada de que “se redimir”.

Um bem-haja a todos, com votos de um Bom Ano Novo para os nossos Leitores e suas famílias. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

CONTACTOS — Como vários amigos nos vêm perguntando os dados da nossa Casa do Gaiato de Coimbra — Miranda do Corvo, aí vão outra vez os contactos desta comunidade da Obra da Rua: Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099 e E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt.

AJUDAS — Agradecemos em geral, para já, a todos os nossos Amigos e Amigas que nos fizeram chegar as suas partilhas para o Presépio e para as nossas refeições, durante esta quadra, como leite, pão, doces, arroz, batatas, etc. A todos, o nosso muito obrigado e um bom ano de 2015, com saúde!

PRESEPIO — Antes do Natal, um grupo de Rapazes foi ao musgo aos nossos montes e apanhou uma carrada, enquanto outros iam fazendo o nosso lindo Presépio, na entrada antiga por baixo da *casa-mãe*, com

muitas imagens e uma gruta com a Sagrada Família — S. José, Nossa Senhora e o Menino Jesus! Não faltou o burrinho e a vaquinha. Depois, enfeitaram-se o alpendre junto à fonte, o refeitório (com um pinheiro) e a sala de televisão. Gostámos de ver as luzinhas, à noite!

VIDA ESPIRITUAL — Na preparação para o Natal deste ano, a 22 de Dezembro, tivemos oportunidade de ir ao Santuário de Fátima para nos confessarmos, na Capela da Reconciliação, ouvindo bons conselhos dos Sacerdotes. Levámos farnel e comemos o delicioso arroz doce. A seguir à Missa do galo, tomámos leite quente com doces. Depois, a todos foi entregue um saco com prendas

CEIA DE NATAL — Na noite da consoada, depois de Terço (19.30h), ceámos na nossa sala de jantar batatas com bacalhau e couves da nossa horta, regados com o nosso azeite, e comemos o delicioso arroz doce. A seguir à Missa do galo, tomámos leite quente com doces. Depois, a todos foi entregue um saco com prendas

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

ANIVERSÁRIO — A nossa Obra fez 75 anos de existência. A Casa do Gaiato de Coimbra foi a primeira Casa a ser fundada pelo nosso Pai Américo. Foi lá onde se comemorou e celebrámos as Bodas de Diamante, com a presença e participação dos nossos Rapazes actuais e antigos, os nossos Padres e Senhoras, e os nossos Amigos da Obra da Rua.

BOLETIM — Os nossos tipógrafos fizeram mais um Boletim sobre a caminhada do processo do Pai Américo para a sua Beatificação, que vai já no número 5, que os nossos

Rapazes meteram neste número d'O GAIATO. Quem quiser receber mais Boletins «AMA», pode pedir à nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

JARDINS — Nesta época os nossos carpinteiros começaram a fazer uma pequena vedação à volta do canteiro em frente à casa 3, onde o nosso querido Pai Américo se ia sentar para descansar e observar a beleza da nossa Casa. Vamos tentar colocar lá um banco de jardim igual ao que existia nesse tempo. Quem sabe se um dia não teremos lá uma estátua a lembrar e a representar Pai Américo!

(ofertas dos nossos Amigos), que a Sr.^a D. Nazaré arranjou para cada um e distribuiu. Bem-hajam!

MISSAS DE NATAL — Pelas 23 horas do dia 24 de Dezembro, na nossa Capela, participámos na Missa da noite de Natal com muita alegria e sono nos pequenitos, cobertos por mantas. Chegados à meia noite, beijámos o Menino (Mário *barrigana*). No dia de Natal, participámos na Missa, às 10 horas, também contentes pelo nascimento do Nosso Salvador — O Menino Jesus.

BODAS DE DIAMANTE DA NOSSA CASA — Conforme tem sido anunciado no nosso Jornal e é conhecido, a 7 de Janeiro de 2015 a nossa Casa do Gaiato comemora a entrada dos 3 primeiros Rapazes, acolhidos por Pai Américo. Para celebrar esta data significativa na Obra da Rua, a 10 de Janeiro, sábado, data da saída deste número, acontecem vários momentos conforme o programa, em que a Eucaristia, pelas 12 horas, é o ponto alto deste grande dia! □

FÉRIAS — Alguns dos nossos Rapazes foram passar uma semana a casa dos seus familiares. É muito bom estar com a família. Esperamos que eles tenham tido boas férias. Quando regressaram a nossa Casa prepararam-se para os trabalhos da nossa Casa e para a Escola, para começar o 2.º período com vontade e gosto de estudar. Esperamos que todos venham a passar de ano. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Dezembro, 22.850 exemplares

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Na sua vocação à santidade (!), que é comum a todo o ser humano, o *Amériquito do Bairro*, sendo o último de oito irmãos, do lar familiar ancestral de Teresa e Ramiro, veio ao mundo assim, em Galegos: *O Pobre é a minha glória. Por ele sou conhecido e naturalmente amado. Nasci com esta devoção.* Fez a 4.ª classe no Colégio do Carmo, em Penafiel; e seguiu para o Colégio vicentino de Santa Quitéria, em Felgueiras. Com 15 anos, foi para uma loja de ferragens, perto do Seminário da Sé, no Porto. Depois, partiu para Moçambique, onde trabalhou 16 anos, repartiu com os pobres e teve de lutar com a Graça.

Em Lisboa, em 1923 sofreu uma derradeira *martelada*, forte, que o levou ao Convento franciscano de Vilariño de la Ramallosa, apaixonado pelo Pobrezinho de Assis. Incorrigível na Caridade, acabou por ser recebido tardiamente (!), no Seminário de Coimbra, em 1925, chamado e conduzido pelo Bom Pastor. Na sua formação presbiteral, desenvolveu também o culto do Pobre: *Vem aqui todos*

os dias certa mulher buscar uma panela de caldo para ela, uma filha e 4 netos, obra de ex-estudantes, ocupando todos os seis um mísero cubículo sem luz nem ar. Foi o Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva que lhe impôs as mãos a 28 de Julho de 1929, aos 41 anos, deixando-o admirado com esta maravilha de Deus: *Padre Américo!* Não teve tempo de perder mais tempo, conforme reconheceu.

Enfermo com dores de cabeça, não tomou posse de uma paróquia. Então, ao fim de 3 anos, pediu ao seu Bispo licença para se dar à visita de Pobres, acertando com a cura: *Um padrezinho da cidade de Coimbra pediu e obteve licença do seu Prelado para visitar pobres e cuidar deles, dentro de suas próprias habitações, para melhor conhecer seus nomes e mais eficazmente os servir.* Confiou-lhe a *Sopa dos Pobres*, na Rua da Matemática, no dia de S. José de 1932. E ia deixando umas belas e interperantes notas semanais no *Correio de Coimbra*. Tido por imprudente, foi denunciado ao seu Bispo, que não se manifestou. Pela sua actualização entre os doentes, nos hospitais

e sanatórios, tomaram-no por *indesejável* e pediram ao Prelado que o desterrasse, o que foi ignorado. Pelas suas *inconveniências*, foi mandado retirar de membro actuante no Patronato das Prisões, pelo Ministro da Justiça.

Assim, afastado dos Pobres, Doentes e Reclusos (que sempre visitou e ajudou), deu-se às crianças da rua! Com estas perseguições, agora, ocorre-nos perguntar: a Obra da Rua foi mesmo um acidente no seu itinerário vocacional? Os seus passos dolorosos continuaram, ao revelar Cristo Crucificado, sem desanimar, em tempos difíceis. *Nas visitas diárias à mansarda e ao tugúrio, topava o visitador legiões de crianças esfaimadas, deitadas no chão estreme ou sobre rimas de cisco, à espera da Mãe, 'que tinha ido pró rio', ou do Pai, 'que anda desempregado'. E começou o dito padrezinho a dar preferência à sorte dos filhos, sem de todo descurar a dos pais.* O próprio deu a conhecer como se ateou o rastilho da Obra: *Foi no Beco do Moreno, em Maio de trinta e cinco, que o Miúdo me apareceu. Passava eu por ali, naquele mês e ano, quando um garoto da rua embarga o meu caminho, num angustioso e imperativo 'venha ver o meu pai que*

está na cama e a gente passamos fome'. Aí encontrou um tipógrafo doente na trapeira de uma casa e uma família com cinco filhos raquíticos e esfomeados.

Quando foi pregar a S. Pedro de Alva, na Páscoa de 1935, viu ali uma casa capaz de alojar no Verão garotos dos tugúrios de Coimbra. O Padre Simões e Sousa escreveu-lhe, animando-o: *que não deixasse arrefecer a ideia.* Isto aconteceu mesmo; pois, a 1 de Agosto de 1935 largou de Coimbra uma caravana de 27 rapazes. Tiveram assim início as *Colónias de Férias do Garoto da Baixa de Coimbra*. Em 1937, estas Colónias de montanha mudaram para Vila Nova do Ceira. Beneficiaram cerca de mil rapazes com isto: *Era a boroa caseira. Era o caldinho quente e bem adubado. Era a resina dos pinheiros; e o amor do próximo, nomeadamente da criança sem lar. Aonde houver este amor, há necessariamente o olhar de Deus.*

Desde a sua ordenação de Presbítero, foi uma década intensa de cuidado dos Pobres: *Sim; sirvo os Pobres nas cadeias, nos hospitais, nos tugúrios, nos caminhos — e no altar.* Entretanto, *tornava-se necessário obter Casa própria, com organização permanente.*

Adquiriu, então, a 3 de Outubro de 1939, por 40 contos, como procurador da Sociedade Instrutiva Ozanam, uma casa de habitação na Quinta de S. Braz, no lugar de Bujos, em Miranda do Corvo, à qual chamou *Casa de Repouso do Gaiato Pobre*. O nome *Gaiato* foi recebido com relutância. Os primeiros ocupantes foram acolhidos com chuva a potes, na festa do Santíssimo Nome de Jesus: *No dia sete de Janeiro do ano de mil novecentos e quarenta, deu entrada na Casa do Gaiato um grupo de três deles, que foram os pioneiros da Obra; e, no final do mesmo ano, verificou-se, pelo livro de registo, terem feito a sua cura de repouso, em sua casa, quarenta e dois gaiatos da rua.*

A sineta da Casa passou a marcar o tempo e redigiu, em Março desse ano, um *Regulamento interno*. O trabalho é a *espinha dorsal* da vida na Casa, estruturalmente familiar. Nos recreios, são garotos *com as clássicas rixas e narizes partidos*. O símbolo da Obra da Rua é o *Quim mau*. Os preferidos são os últimos: *A gente vai procurar o pequenino mais fraco, entre os doentes; o mais viciado, entre os viciosos; o mais*

SETÚBAL

Padre Acílio

Nónio

É uma empresa sediada em Lisboa, com sucursais em Coimbra e no Porto.

Por iniciativa própria, alguns trabalhadores organizaram, o ano passado, um almoço em nossa Casa e o presidente apareceu de surpresa. Grande alegria para eles e para nós.

Ao longo de décadas, a Nónio tem-nos apoiado, enviando pelo Natal o seu donativo que, se este ano se cifrou em 6 mil euros, em décadas anteriores, em alguns anos, chegara aos dez mil contos.

Este ano, a própria empresa quis fazer connosco o seu almoço de Natal, reunindo patrões e empregados do Norte, do Centro e do Sul do País, em nossa Casa.

A refeição foi confeccionada e servida pelos Rapazes, dando azo a um conhecimento mais próximo da nossa realidade e uma comunhão mais feliz entre todos.

A nossa sala de jantar é, em si mesma, um espectáculo de beleza e de arte, presidida por uma genial ceia de Emaús.

A alegria dos rapazes e sua espontânea gabarolice encheu de assombro uma senhora que, tendo almoçado na mesa deles, veio corrigir as minhas palavras, ao apresentar a Casa do Gaiato como pobre: — *Não. Não chame pobres a estes Rapazes, pois eles têm aqui uma vivência de valores muito rara, hoje, na maioria da juventude portuguesa. Eles são*

ricos de valores! Quem come numa sala destas, todos os dias, e se alimenta com comida tão natural como a que aqui se faz?!

A Nónio conheceu-nos pela palavra de um grande amigo, falecido há uns dez anos: o Sr. António Duarte. Veio também aqui almoçar, espantou-se e prendeu-se de tal maneira a nós que, a partir daí, nos mandava trazer toda a farinha necessária à confecção do nosso pãozinho.

Pelo Engenheiro Carlos Barata, administrador da Nónio, tomei conhecimento da amizade e admiração que os unia e soube como e porquê a Nónio se havia ligado a esta Casa.

Natal

A Secil não se esqueceu de nós e veio «contribuir com sapatos, camisolas e chocolates para que o Natal dos gaiatos seja mais quente, doce e divertido». Mais: os trabalhadores e a administração juntaram ainda 509 euros.

O Jumbo e o Intermarché são quem nos tem valido.

Quanta fome, por intermédio destes hipermercados, é morta em Setúbal com os bens que nos dão?! Quanta gente leva daqui o pãozinho, as hortaliças, os iogurtes e o leite, com as batatas, as cenouras e a fruta, etc.?!

O Jumbo, além de nos permitir a venda d'O GAIATO nas suas entradas, aos sábados, organiza,

todos os anos, pelo Natal, uma valiosa e útil prenda para cada Rapaz.

E as outras grandes fábricas sedeadas em Setúbal? Noutro tempo, as indústrias ligadas ao papel, acompanhadas dos seus trabalhadores, vinham com o seu cheque e os seus euros!

O Porto de Setúbal nunca se esquecia de nós!... Hoje, somos ignorados. Teremos deixado de fazer o bem, bem feito? Foram as calúnias que nos abalaram? Não sei. Verifico que o mundo dos grandes se distancia, cada vez mais, dos pequeninos. E é pena! Perdemos todos.

Mas os pequenos vieram. Os que vivem com dificuldades não se esqueceram de nós. Quantias mais reduzidas, mas amor mais quente.

É o caso de uma senhora, com problemas no andar que, de longe, encheu de mercearia uma carrinha comercial e veio trazer, com alegria e humildade notórias, a sua prenda de Natal. O sobrinho conduziu o veículo. Ela acompanhou-o para atribuir mais valor à dádiva. Ele foi óleo e azeite, bacalhau e massa, arroz e conservas, guardanapos e papel higiénico, detergente para a roupa e para a loiça, e mais!

Pessoas marcadas pelo Espírito e conduzidas até nós por Ele. É evidente.

Os Amigos mais próximos e mais longínquos, ainda vivos, trouxeram ou enviaram o seu amor e as suas dádivas, em dinheiro, alimentação e roupa!

Bendito seja o Senhor que veio, que vem e que virá! □

chão: eu desejo encontrar na Eternidade, sentados à direita do Pai Celeste, todos aqueles garotos que me passam pela mão.

Contudo, a Caridade faz sangue e cura feridas! Sob o sinal da Cruz, suou sangue: foi sovado, assobiado por usar batina e dizer Missa no altar, cartas anónimas, apreciações malsinadas e ameaças: — *Que venha para cá que eu arrumo-lhe com uma enxada na cabeça e ele descansa.* Foi revelando amargamente estes episódios por isto: *se um dia vieres a trilhar estes caminhos, estejas avisado dos perigos e te prepares para eles.* Conseguimos ver, da sua letra, a um Gaiato, este sinete: *O dilacerado!*

Nestes dias gélidos, de um Inverno rigoroso, de manhãzinha, estiveram à nossa frente, bebendo sofregamente malgas de leite fumegante, também três dos pequenos da casa-mãe. Ao cabo de oito décadas (75 – 80 anos) de sementeira, seja-nos permitido, por fim, um recadinho ao Pai Celeste, no Nome de Jesus: vocações, paz e bem para todos!

Dobrados ao meio, podemos exprimir a felicidade de dar a vida pelos outros, com esta oração do Padre Américo, Servo de Deus e Amigo dos Pobres: *Senhor Jesus, eunão troco por nada deste mundo a suprema ventura de curar com panos de linho os Membros doentes do Vosso Corpo, considerados sem cura!* □

VINDE VER!

Padre Quim

O Sol da Caridade

A celebração do Santo Natal do Senhor, foi vivida em nossa Casa com muita alegria e paz. O tempo de preparação, durante quatro semanas, foi determinante e precioso. A hora do Terço, a coroa do Advento no centro da Comunidade. A luz crescia à medida em que eram disputadas as ocasiões para acender as velas. E quando, já na iminência da vinda do Deus Menino ao mundo, preparamos os Rapazes para o Sacramento da Penitência, houve com certeza festa. Não na Terra, mas no Céu por um pecador que se arrependeu.

O Natal do Senhor é antes de mais, na nossa Casa, uma festa do coração. É o momento da família, e ainda mais saboroso é para os que nunca tiveram ou a perderam desde a infância. É urgente defender a família dos perigos da degradação dos valores essenciais de tão cara estrutura humana e social como jamais houve na face da Terra. O Mistério da Encarnação aconteceu dentro de uma família humana. Um menino carente de carinho e assistência envolvido em panos, deitado numa manjedoura, na pobreza do estábulo de Belém, irradiou a luz que dissipou as trevas do mundo. «A família é a escola natural da sólida formação do homem. Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão». Bendito Pai Américo nestas palavras! A caridade é alma da nossa Obra; por isso, os sem-família são o seu objecto. Ao fazer da criança pobre e abandonada um homem para a sociedade que o rejeitou, um defensor da justiça que saiba reconhecer e amar os pobres. O amor de Deus e a Sua manifestação de bondade para com os homens constitui o fundamento da festa do Nascimento de Jesus. A vida espiritual dos nossos Rapazes assume uma importância tão grande que, se nos descuidássemos dela, teríamos perdido a ocasião de resgatar um prisioneiro da escravidão do mundanismo. Os anjos, naquela noite santa, cantaram Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens. Cá na terra os homens compram e vendem. É Natal! Dizem. É negócio! Digo. E a televisão confirma. É altura para recuperar o verdadeiro significado do Natal cristão e como o sol que nasce da aurora fazê-lo resplandecer ao mundo inteiro, ou o mundanismo continuará a avançar irresoluto. *Todo o tempo do mundo é pouco para revelar Cristo às almas.* Ora, Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da salvação. Por isso preparamos a Mesa da Palavra e seguidamente a Eucaristia como centro de toda e qualquer acção litúrgica da Igreja, nossa Mãe. O presépio montado no refeitório está bonito tem luzes e cores. Todos gostam de olhar para o Menino Jesus no interior da gruta, foi o Manuel «Anjo da Paz» que o arquitectou. Começou a desenhar e a pintar. Hoje faz os enfeites da Casa em dias de festa e não esconde os talentos que recebeu, e assim se cumpre o Evangelho. Aquele que fez render os cinco talentos do seu patrão, recebe outros tantos, quando o patrão regressou da viagem, para que tenha em abundância. Ao preguiçoso, até o pouco lhe foi tirado. Oh, divina fome e sede de Justiça, que o mundo não conhece! Na Capela, outro presépio foi montado pelo «Manucho» e na hora da saudação ao Menino Jesus, houve corridas e empurrões para beijar o recém-nascido no coração destes filhos à beira do nosso presépio. Assim a criança aprende depressa e começa a amar.

Oh, Senhor do Céu!, que ninguém jamais deturpe esta verdade do coração dos simples e pequeninos. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

constitui. Se o próprio Bispo que ordenou Pai Américo ficava admirado com a sua forma de viver — «a sua vida é um mistifório» — não é de estranhar que deixe admirados os que nos conhecem, mais ou menos bem, já que esta marca ficou impressa na Obra que espelha o seu sentir e o seu viver.

Atentos às realidades que nos rodeiam, em pontos afastados no globo, vemos como a globalização está ainda muito longe de as aproximar ou assemelhar. É grande a necessidade do serviço da nossa Obra, os Pobres a justificam e reclamam. No mundo impõe-se a técnica, e tudo quer ser grande. Mas «a Obra da Rua não pode fazer obras grandes», pois nasceu para «amar cada vez mais aqueles que na agonia chamam por alguém» (Pai Américo). E há tantas agonias a chamar a que nós respondemos ou queremos responder! □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13



O símbolo da Obra da Rua é o Quim mau.

desprezado, entre os desprezíveis. Procuramos, outrossim, dar-lhes do melhor que temos em casa, adormecê-los em lençóis lavados, ensiná-los a apanhar borboletas; e pôr as mãos, mais eles, à hora da oração. O resto não é da nossa conta! Foi necessário mudar de nome. Trocou-se por trabalho o nome de repouso e ficou sendo única e simplesmente a Casa do Gaiato. Surgiam os pedidos de acolhimento e foi necessário alargar a Obra: Comprou uma casa contígua, mais outra anexa, um terreno para construir a nossa Capela e outro de cultura para dar que fazer aos rapazes. Instalou

luz, foi buscar água a meio quilómetro, tratou de gados, de alfaias e ferramentas. Consegui um Posto de Ensino. Confessava, assim: *Doía-nos a sorte da criança abandonada.*

A sua paternidade era bem evidente. À sombra de uma oliveira, escutou de três mais pequeninos, que colhiam flores: — *Pai Meco, olhe!* À mesa, um outro, contente, deu-lhe um beijo na face e revelou: — *A gente em casa não toma leite!* Na missão sublime de educar, Pai Américo deixou uma bela confiança: *Há um segredo divino no meu palmilhar de cada dia, que me não deixa cair no*

BENGUELA

Padre Manuel António

Só com muito Amor!

ESTOU a escrever no dia da Sagrada Família. Os pais devem ser para os filhos. É uma verdade central da vida familiar. A educação é o caminho que leva à realização pessoal dos filhos, ajudando-os a pôr a render toda a riqueza humana de que são portadores. Por isso, a ausência da vida em comum dos pais, juntamente com os filhos, constitui uma verdadeira desgraça. Uma multidão inumerável de crianças são autênticas vítimas inocentes. Somos testemunhas, ao longo da nossa vida, dedicada ao serviço dos filhos abandonados. Estes filhos necessitam de pais e mães. As senhoras que dão as suas vidas nas Casas do Gaiato, ao serviço exclusivo das crianças abandonadas, realizam a sua vocação de mães, motivadas exclusivamente pelo amor gratuito, sem medida. Estes filhos perderam a mãe, mas não perderam o gosto de ter mãe!

A força e a eficácia da família está no amor que une os corações dos esposos. Os filhos são os beneficiários principais. Por isso, quando a família falta aos filhos, não é possível o equilíbrio da pessoa humana. A sociedade, com todas as suas forças vivas, deve fazer tudo o que puder para manter a família de pé. Muitos lares desfazem-se, também, porque lhes falta o mínimo de condições para sobreviver. Por isso, a família deve

ocupar um dos lugares centrais das preocupações sociais. A habitação com um mínimo de dignidade, por exemplo, é um factor muito importante para a manutenção da família. Estou a lembrar-me da multidão de mães que bateram à porta da nossa Casa do Gaiato, com os filhos dependurados, porque foram abandonadas pelos maridos, num período muito difícil, sem casa e outras condições essenciais. Receberam a ajuda possível. Tiveram uma habitação muito pobre, mas urgente. Os maridos regressaram e recomeçaram a vida em comum. Estas situações são muito tristes. Porém, ajudam a sociedade responsável a pôr o dedo na ferida para curar males muito grandes relacionados com a família. O fomento da construção de casas para famílias pobres é um remédio salutar contra a desagregação familiar

Hoje, de manhã, a carrinha levou uma quantidade grande de filhos para a praia. Como é habitual, a praia preferida é frequentada por muita gente, de todas as classes sociais. O convívio que se dá entre todos é maravilhoso. Esta forma de estar na sociedade é muito interessante. Os filhos das famílias normais sentem-se bem a conviver com os filhos da Casa do Gaiato. É um factor importante para o crescimento equilibrado, sem complexos de inferioridade ou

de superioridade. É um caminho para a construção duma sociedade mais fraterna. Quem dera dêmos as mãos, cada um no seu campo de acção, para fazermos da sociedade uma família animada pelo Amor. É um ideal que deve ser uma referência na nossa vida. Podemos fazer sempre algo. Não importa se muito ou pouco. Somente o que cada um puder fazer.

Nesta linha de ajudar a Casa do Gaiato de Benguela a resolver o problema dos filhos sem família, são necessários gestos de generosidade. Há momentos, uma rapariga, ainda jovem, bate-nos à porta a pedir ajuda para um seu familiar. Tem cinco filhos. O pai desapareceu. É um problema social gravíssimo o abandono dos filhos da parte dos pais. Vítimas inocentes, com a porta aberta para a rua! Um amigo que muito nos ama pôs, ao nosso dispor, a quantia financeira para nos encher de confiança. A sua empresa que goza de muito prestígio fica, deste modo, mais sólida. Os empresários, na medida em que dão os seus apoios a necessidades prementes, de ordem social reconhecida, estão a solidificar cada vez mais as suas empresas. Quem dera esta maneira de pensar entrasse nos seus corações! Temos confiança. Esperamos receber todo o auxílio que possais dar à nossa Casa do Gaiato de Benguela para poder continuar a realizar a sua missão.

Fazemos votos para que o Novo Ano seja portador de Paz e Alegria para os vossos corações. Só com muito Amor! □

MALANJE

Padre Rafael

«Que o Amor renasça...»

COMO já é tradição de outros anos, um grupo de Rapazes vai à encosta do lago e debaixo de uma árvore cavam barro... «Querem brincar aos deuses». Depois, preparam a massa com água para poderem formar as figuras do Presépio de Belém. Cada um sabe qual a que faz melhor: ovelhas, pastores, camelos, o forno... É hora de colorir-las. Eles gostam de cores apelativas, brilhantes e contrastantes: «Não pode haver duas figuras iguais». Terminam colocando-as nos respectivos lugares: Onde nasceu Jesus, os pastores adorando-O, os magos que seguem a Estrela... A única diferença de qualquer presépio é que encontramos a Capela da Casa do Gaiato, como querendo dizer que o Menino Jesus não nasceu distante da nossa Casa, do nosso quarto de dormir, de nós próprios, do nosso interior — que mais importa, o importante é que tenha nascido.

Na véspera, passámos o dia adornando o refeitório. Com uma corrente de papel tapámos todas as vigas do tecto. Nas paredes pusémos desenhos e textos alusivos ao Natal. A entrada foi adornada com folhas de palmeira. E não faltaram flores, pois que nesta parte de África Jesus nasce na Primavera.

Chegada a noite, celebrámos com os Rapazes e pessoas que vieram das Aldeias, também alguns antigos gaiatos. Durante



as últimas semanas os Rapazes ensaiaram cânticos de Natal e durante a celebração é Jesus quem vai escutá-los. Não podem faltar as palmas, nem as danças, durante a Missa — tudo muito familiar.

Chegou o momento do jantar da Noite Feliz, o prato principal: Funje com carne e um refresco, a acompanhar: doces feitos por eles. Ao terminar a ceia, distribuímos as prendas de Natal. Esta parte é muito divertida porque as entregam chamando pelo nome de cada um, que passa entre as mesas para recebê-la. Ninguém pode faltar — este é o momento dos mais pequeninos.

No dia seguinte participam na Missa de Natal pessoas de todas as Aldeias, algumas percorrem oito quilómetros para estar presentes. Neste dia, é o Povo que canta e dança numa procissão cheia de cor e beleza. A Capela estava cheia de crianças que não deixam de bater palmas, porque hoje é dia de Festa. Como gostam as crianças de festas, não importa o motivo... No ofertório, as mães fazem uma procissão carregadas de produtos do campo que me estremece... É Deus que Se faz ternura, debilidade, necessidade.

Hoje estamos muito contentes porque chegou o contentor que foi preparado, com tanto carinho, durante o Verão passado. Este ano tivemos menos problemas em retirá-lo do porto, porque uns Gaiatos responsabilizaram-se de tudo e, uma vez mais, o «Zé da Figma» no-lo trouxe em um dos seus camiões.

Que belo!, uns semeiam, outros colhem. Que importante é não perder a oportunidade de semear para que outros possam colher!

«Que o Amor renasça novamente em ti!»

Feliz Natal 2014. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Sem beleza, toda a pedagogia é morte; nem o próprio Evangelho realça.

in Obra da Rua, p 77

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTAMOS no final do ano. Foi difícil superar as dificuldades, mas já no ano passado assim foi. Não acredito que seja a nossa fé a arrasar montanhas, mas que Deus está lá no cimo, a olhar por nós e a vir ao nosso encontro, com pessoas que têm um amor concreto nas suas vidas, que as impele à partilha. Mesmo que por rotina algumas o façam, para nós traz um sentido de alegria e justiça. Natal é mesmo tempo de partilha. Cristo veio mesmo como um irmão, carne como a nossa, partilhar com o homem todas as alegrias e tristezas, como um verdadeiro irmão. O nosso Natal foi um céu aberto, com sol e nuvens como é próprio deste tempo. Vieram passar uns dias muitos dos que estão longe ou perto, alguns com suas mulheres e filhos. Momentos de reencontro como família que aqui é verdadeiramente grande. Na casa dos pais há sempre lugar para todos. Rapazes que trouxeram esperança, alegria a todos nós, e fez aos de Casa rever seus comportamentos, perante o exemplo de mais velhos, que até os substituíram nas limpezas da cozinha, casas, copa e refeitório. Alguns ainda sem horizonte para constituir família. Não está fácil e sabem acautelar-se, assegurando o terreno, alguns materiais para depois concretizarem por suas mãos, como aqui aprenderam, o sonho que foram acalentando. Como fico contente. Mostram a planta que fizeram e levantam a sua casa, aos fins de semana. Demorará anos. Mas a vida dos pobres é assim, um caminho doloroso para amadurecer e saborear esforços, depois. Vamos começar o ano nas mãos de Deus. Planos não faltam, como se tudo dependesse de nós. Começaram as chuvas, recomeça a esperança da terra a florir e as sementes vão nascer. O resto é com Deus e com quem O traz no coração. Também quiseram passar aqui o Natal dois voluntários. O Raúl, de Espanha, e a Cíntia, dos arredores do Porto. A eles e a todos que vieram ao nosso encontro, agradecemos e oferecemos o coração em Festa e esperança de todos os nossos Rapazes — e que a alegria permaneça em todos como se fosse sempre Natal, no ano que começa. Também para nós desejamos que o Menino, já saído do presépio, nos ajude a crescer no vigor do nosso carisma, em sabedoria e graça perante Deus e os irmãos. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ESTEVE aqui, há dias, um senhor a trazer a sua esmola natalícia, que me revelou não ser capaz de ler os meus escritos, pois começa logo a chorar! — *Meu amigo* — disse-lhe também — olhe que eu choro, antes de escrever!

Quem me dera não chorar nunca, mas eu vejo o mundo tão avariado com o paganismo esmagador, que não tenho outra saída. Chorar é uma manifestação de impotência perante o sofrimento e a incapacidade de o remediar. Daí também, que qualquer coisinha que faça, me dá grande alegria.

Ela veio aqui pedir ajuda para reconstruir uma casa e explicava-se deste modo: — *Deram-me, para alugar, uma casa daquelas baixinhas, coberta de lusalite, próximo da cadeia, por 150 euros mensais, com o compromisso de a reparar em seis meses. Já comprámos algum material, mas agora, não sou capaz. Não me dá uma ajuda?*

Era uma senhora nova, de bom aspecto, o que me deu um à vontade para a interrogar e saber da sua vida.

— *O meu marido é reformado por invalidez, por sofrer de uma doença psíquica e recebe 200 euros mensais. Tenho três meninas, com dez, seis e três anos. Recebemos o abono. Eu não tenho trabalho e a gente vive disto. Moro na casa da minha sogra, onde dormimos todos no mesmo quarto. Uns na cama, outros no chão. A minha mais velha já é tão grande. Olhe que temos passado muita fome. Quase nunca comemos carne. É sempre ovos. Na mercearia as coisas são mais caras, algumas são o triplo, mas não temos fiado em parte nenhuma.*

Fiz-lhe um avio animado e pedi-lhe que me arranjasse a conta da mercearia e prometi-lhe uma visita.

Nada, como ir ver. E fui.

Pronto. Passei-lhe um cheque para o merceiro muito próximo dos 200 euros e dei-lhe cinquenta, com a recomendação de que nunca mais fosse à mercearia, mas ao supermercado onde tudo é mais em conta.

Com o marido e ela, analisei a casa alugada, a precisar de obras.

A parte da frente, com placa e cobertura de lusalite, abrigava a cozinha, com os canos apodrecidos à mostra e mais nada. A casa de banho, toda destruída. Mais duas divisões sem portas, chão de cimento a céu aberto. Ocupava parte da frente, uma quantidade de ripas e tijoleiras de cimento. Era o material que haviam comprado. Hei-de conseguir que o armazém aceite a devolução destas ripas e tijoleiras e as troque por uma cobertura de placas de alumínio, com sanduíche, as quais fazem tecto e forro ao mesmo tempo, são muito leves e isolam bem o frio e o calor.

Prometi-lhes os materiais.

A mão-de-obra terá de ser deles.

Já me trouxeram uma relação, que achei exagerada, e não vou por essas contas sem primeiro conferir com o canalizador, o pedreiro e o ladrilhador. O que espero fazer sem demora.

Com a nossa camioneta mexemo-nos rapidamente e deslocamos os materiais com facilidade.

Doeu-me, sobretudo, as três meninas. Elas podem vir a fazer-se, amanhã, umas mulheres, dignas mães de família ou umas desgraçadas, fontes de outras misérias. Não me agrada nada meter-me tão directamente nos problemas, preferia entregar a sua resolução a pessoas mais envolvidas no apostolado concreto, ficando eu de fora, a apoiar. Mas, como não encontro, sinto-me obrigado e vou para a frente. □